

# RETORNO ÀS ORIGENS

ELI DINIZ

A separação da mãe é sempre uma experiência decisiva, que deixa marcas para toda a vida.

O fato de nos termos separado de nossa mãe numa idade muito tenra, permanecendo sem vê-la durante longos anos, levou-me a desenvolver a idéia de que éramos órfãs. Em virtude dessa sensação de orfandade, e porque, desde muito pequena, comeci a familiarizar-me com a mitologia grega, a minha fantasia passava por esse mundo mitológico em busca de explicação para o enigma que envolvia esse desaparecimento precoce. Eu costumava fazer associações e analogias com os heróis e os deuses gregos. Desta maneira, aos poucos, comeci a estabelecer um paralelo contrapondo-me a Palas Atena, a Afrodite. A própria origem e a história dessas deusas, na minha imaginação, tinham muitos pontos de contato com a nossa história e também com nossas origens. Palas nasceu da cabeça de Zeus; Afrodite foi gerada no mar.

Muito pequena ainda, Leila passou a ser vista como símbolo de beleza, de ternura, de alegria e de vitalidade. Por outro lado, meu temperamento introspectivo levou-me desde cedo a refugiar-me no mundo dos livros. Era como se procurasse proteger-me contra o vazio, as lacunas, a insegurança e as angústias da primeira época de infância, mergulhando na leitura e desligando-me do mundo exterior. Era certamente uma evasão, mas permitia-me viver, através dos personagens de que me apropriava, uma série de experiências que gostaria de poder realizar na vida real.

Eis porque o paralelo com Palas Atena tornou-se plausível e me veio tão facilmente à imaginação. Palas, a deusa guerreira, era também a deusa do saber e do trabalho criativo, enquanto Afrodite ou Vênus, a resplandecente, simbolizava o amor, a beleza, a sensualidade. E foi assim que me habituei a ver a Leila, desde pequena, como um ser belo, como um ser mítico, dona de atributos incomuns e capaz de produzir um impacto estético agradável, qualidade, aliás, amplamente reconhecida por todas as pessoas do nosso

círculo familiar. Ademais a gênese de Vênus permitia-me retratar a origem de minha irmã, transitando, como já me era tão familiar, da fantasia à realidade e da realidade à fantasia.

Quando veio ao mundo, Lella encontrou um casamento em crise. Logo depois de seu nascimento, meus pais se separaram. A gravidez desenrolou-se, portanto, num período particularmente difícil, sob a ameaça do rompimento iminente. Pouco a pouco, o que era mera suspeita de uma possível separação foi adquirindo contornos de realidade. Num quadro de hipersensibilidade provocada pela gravidez, a convivência com tal perspectiva representou certamente uma sobrecarga.

E foi assim que, ao engendrar uma nova vida, minha mãe via paralelamente sua própria vida caminhar para uma situação de ruptura, o que, no plano simbólico, pode evocar sentimentos de morte. Para uma mulher, como ela, que abdicara de uma vida própria em função da família, destituída de um projeto que transcendesse a sua relação com o marido e os filhos, o fim de seu casamento confundia-se com seu próprio fim. Toda essa turbulência deve ter tido repercussões muito profundas, propiciando uma gravidez marcada pela contradição entre o amor pela criança que estava sendo gerada, pela alegria proporcionada por esta condição tão especial e a tristeza associada à situação de abandono. Esta polaridade, traduzindo-se por bruscas oscilações entre a dor e a alegria, entre a morte e a vida afinal, não poderia deixar de produzir um clima particularmente tenso.

Quando Lella nasceu, esse processo estava já avançado. Assim, seus primeiros meses de vida transcorreram no contexto de um casamento em desagregação. O clima se agravou com o fato da minha mãe ter entrado num processo de depressão, que a levou a alimentar-se cada vez pior, dormir mal, entrando em *stress* e ansiedade, terminando por cair gravemente doente. Contraindo tuberculose, fechou-se em sua tristeza. Em conseqüência, fomos afastados de seu convívio. Naquela época, certas doenças para as quais ainda não havia sido descoberto um meio de cura eram estigmatizadas. Ao mesmo tempo, meu pai já estava, naquela altura, querendo reorganizar a sua vida. Por tudo isso, resolveram separar-se. Mas foi uma separação num contexto especial, de doença. Não se tratava de uma enfermidade corriqueira, mas de uma doença que assustava. Minha mãe foi, então, recolhida a um hospital.

Nessa época, eu tinha cinco anos, meu irmão, seis e a Lella, sete meses. Pode-se dizer que, se não houve uma rejeição por parte da mãe, não houve também uma aceitação plena. Minha mãe vivia sob um clima emocional muito especial, marcado pela tensão entre o desejo de ter a filha, alimentar essa filha, acompanhar seus progressos, por um lado, e, por outro, a sensação de perda e de morte. Tal ambigüidade produz um impacto de recusa, ou pelo menos de não-aceitação integral. Assim, o paralelo com Vênus torna-se plausível. Trata-se de uma deusa cujas origens estão ligadas a um ato de recusa por parte daquela que despertara o amor de seu pai, Urano. Rejeitado por Géia, que se recusa a recebê-lo e, em sua reação violenta, utiliza o recurso da castração, Urano torna-se vítima de seu próprio desejo. Do

seu sêmen, ao cair no mar transformando-se em espuma, nasce Vênus ou Afrodite. Portanto, ao negar-se a ser fecundada, Géia propicia a situação do nascimento de Vênus, concebida no mar. Assim, a analogia com Vênus tem esse componente: uma origem marcada por uma não-aceitação pela mãe e a subsequente concepção no mar.

A separação da mãe foi a primeira grande ruptura na vida de Leila. Em seguida, foi para a companhia de minha avó paterna, enquanto eu e meu irmão fomos para um internato. Até os três anos, Leila teve em minha avó uma segunda mãe. Mas a mãe real, esta desapareceu de sua vida, permanecendo ausente por um longo tempo. Aos três anos, processa-se a segunda grande ruptura, ao ser separada da avó-mãe. Meu pai casou-se novamente e levou os três filhos para junto dele. Recria-se, assim, a situação de abandono materno.

A partir de então, a segunda mulher de meu pai tomara o lugar da mãe ausente. Tudo se passaria daí para a frente como se esta fosse a verdadeira mãe. Entrando na adolescência, um incidente desfaz o equívoco. O segredo da mãe real é, então, revelado, reafirmando antigas suspeltas sufocadas. Aos poucos, Leila toma contato com a verdadeira versão de sua história. Observa-se, então, a terceira ruptura, que a leva ainda uma vez a reviver a perda da mãe.

Um outro aspecto chama a atenção nesse paralelo. Vênus nasce da espuma do mar e Leila tinha uma grande comunicação com o mar. Era como se o mar tivesse uma significação toda especial para ela. Leila procurava o mar quando estava alegre, feliz. Um dia de sol trazia-lhe uma sensação de plenitude e a levava a procurar extravasá-la em contato com o mar. Por outro lado, quando estava angustiada, tensa ou deprimida, também era o mar que procurava, porque o mar tinha o poder de acalmá-la, apaziguar suas inquietações. E a sensação que me dava é que havia nessa relação algo de mágico. Passava-se entre ela e o mar um diálogo imperceptível e incompreensível para os outros. Era como se houvesse uma linguagem secreta entre ambos. É como se ela tivesse uma relação simbiótica com o mar. Alguma troca profunda e misteriosa se processava entre ambos. Um vínculo primitivo traduzia-se naquele fascínio que a atraía. E era um impulso constante.

Quando o tempo estava ruim e o mar revolto levantava-se em grandes ondas, prenunciando uma ressaca, ainda assim, Leila nadava e avançava pelo mar adentro, como se aquele espetáculo não lhe despertasse nenhum tipo de temor. Era como se alguma certeza interior a impelisse, os ecos talvez de sentimentos tão profundos quanto indefinidos.

Mergulhar nas ondas era como penetrar no túnel obscuro que guardava o mistério de suas origens. Banhar-se naquelas águas era um processo de revitalização, uma espécie de ritual silencioso em busca de uma graça. Efetivamente, ela nadava bem. Não tão bem, porém, a ponto de desafiar um mar bravo.

As situações que enfrentava estavam além do bom senso e para mim esse enfrentamento não tinha uma explicação palpável. Era um reflexo de sua audácia, uma oportunidade de exercitar seu gosto pelo desafio, não

há dúvida, mas tinha também um outro componente. Algum estranho poder de sedução a impelia e alguma troca se realizava entre ela e o mar. Vênus nasceu da espuma do mar; Lella tinha um pacto com o mar.

Este sentimento de identificação não se traduzia apenas num impulso de renovação de laços primitivos. Escondia também uma outra dimensão. Lella possuía um profundo amor pela liberdade, que a levava mesmo a atitudes temerárias, típicas de um temperamento insubmisso. Tratava-se de uma aspiração pela ruptura dos espaços convencionais. Este ímpeto encontrava certamente algum tipo de reciprocidade na sensação de infinito que o mar proporciona. O mar respondia a esta necessidade de grandes amplitudes. Havia algo em sua personalidade que requeria espaços ilimitados para poder expandir-se.

Se durante o dia oferece um espetáculo de grandiosidade e imponência, à noite o mar é todo mistério. Confunde-se com as trevas, nelas dissolvendo-se. Absorvendo a luz azulada das estrelas, é toda poesia e encantamento. Lella gostava de nadar, sob a luz da Lua. Em noite enluarada, ela buscava o mar...

E mergulhava em suas águas profundas à procura de paz para o seu tumulto interior. O grande útero se abria para receber de volta a filha iluminada, a filha desgarrada, a filha fascinada que se entregava à estranha musicalidade das ondas. Embalada pelo sussurro de mil vozes de um coro invisível que evocava sensações remotas, perdia-se em divagações. Pois que o mar insinua, mas nada impõe. E os segredos que trocavam, ali ficavam, eternizados, perpetuando momentos de rara cumplicidade. E tinha lugar um diálogo intenso, uma conversa sem palavras, cheia de subentendidos e reticências, sinais de uma comunicação que prescindia de intermediários. Nada era dito. Bastava sentir. E os sentimentos fluíam livremente, sem barreiras, como só ocorre quando existem vínculos muito especiais. Havia um jogo implícito, que era um modo de captar vibrações profundas, expressão inequívoca da intimidade daquela ligação. Catarse liberadora de emoções reprimidas e de lembranças perdidas. Ritual purificador capaz de apaziguar temores e aplacar rancores. Em noite enluarada, Lella buscava o mar...

Nas manhãs de sol, coloridas e luminosas, quando o ar se impregnava da alegria exuberante do verão carioca, a praia era um convite irrecusável. O apelo do mar entrava pelas janelas dos prédios de Copacabana, dos condomínios de Joatinga e das mansões da Barra. A praia transformava-se num espaço festivo. Acompanhada ou não, Lella acomodava-se na areia e deixava-se ficar. Mulher solar, como seria chamada, daí tirava novas energias. Nas belas manhãs de sol, Lella buscava o mar.

E Lella transmitia o movimento e a vitalidade do mar. Nela, o negacear das ondas transformava-se numa sensualidade espontânea, pura força da natureza. O charme e a descontração das praias cariocas estavam presentes no seu modo de olhar e de sorrir. Em seu andar, o balanço das ondulações.

Em Lella havia a plasticidade do mar... Assim como o ritmo contínuo das ondas produz incessantemente, aos olhos do observador, um movimento

sempre novo, transmitindo ora a paz, a suavidade ou a placidez absoluta, ora uma extrema inquietação, também seu rosto e seu corpo traduziam com vigor as emoções que ela vivia. Todas as sensações, com seus vários matizes, eram incorporadas e transformadas em gestos, sorrisos, olhares e num sem-número de trejeitos. Do riso sem reservas à máscara da tragédia, um mundo de sentimentos eram vívidos e encontravam uma forma de exteriorizar-se. Estados interiores, cenas do cotidiano, a melancolia de um dia chuvoso ou a alegria das manhãs ensolaradas, tudo tinha um registro bem marcado. Aliava a um temperamento inquieto, extrema facilidade para expressar idéias e emoções.

As mutações de seus sentimentos, igualmente atentos aos sinais exteriores e às sutilezas de seu mundo interior, revelavam-se sem subterfúgios, com a segurança daqueles que têm convicções profundas. Expressão de seu modo de ser espontâneo e direto, avesso a qualquer artificialismo, a atitude ousada, a informalidade da roupa, a postura anti-convencional impunham-se naturalmente, neutralizando resistências e conquistando adesões. Nada era estudado. Tudo fluía simplesmente. E Leila tinha a transparência do mar. A autenticidade dos gestos, a profundidade do olhar, a ternura do sorriso desarmavam os espíritos mais conservadores. Aí residia talvez o segredo de sua força de persuasão, de seu poder de cativar até mesmo aqueles que se opunham às suas idéias e à sua forma a um tempo destemida, franca e direta de romper tabus e vencer preconceitos. Como definir essa personalidade irrequieta, arrojada e audaciosa, mas ao mesmo tempo terna e simples? Leila possuía sutilezas do mar...

Leila era de fato uma pessoa muito especial. Nela, harmonizavam-se traços que dificilmente aparecem reunidos numa só pessoa. Assim, sua rebeldia, desde cedo revelada, aliava-se a uma absoluta falta de agressividade, combinação sem dúvida inusitada. É comum aos temperamentos insubmissos um certo jeito irritadiço e mal humorado, uma certa rigidez e intransigência, o que às vezes empresta-lhes um ar arrogante e frio. Leila, ao contrário, profundamente humana e tolerante, exercia um inegável poder de atração. Inconformista sem ser cáustica ou demolidora, passava, por isso mesmo, uma idéia de autenticidade muito grande. Sabia como ninguém encontrar pontos de aproximação. Possuía o dom da crítica sem a ruptura dos elos de ligação, traço típico daqueles que não vêem o mundo como um meio hostil. Ar irônico e espírito gozador, apesar do jeito malicioso, não transmitia desamor. Em Leila havia as sutilezas do mar, que em suas profundezas guarda tantas surpresas feitas de múltiplos contrastes, dos belos corais aos monstros multiformes.

Leila possuía essa capacidade tão rara de questionar sem sentir a necessidade de arrasar o objeto de sua crítica, sem se deixar levar pela volúpia da destruição, sem enxergar inimigos por toda a parte. A contestação não escondia sentimentos negativos de ameaça diante da vida, como ocorre com freqüência entre os que atacam em nome da intolerância. Para além de seu inconformismo, havia um respeito básico pelo outro e, sobretudo, uma postura essencialmente otimista diante da vida. Havia mesmo um certo

romantismo em sua forma de acreditar no lado sadio do homem, em seu lado mais construtivo e menos deletério.

Por isso mesmo a imagem que projetava era uma imagem de confiança na capacidade humana de renovar-se e de recriar-se continuamente. Enfim, Leila não era uma derrotista. Era, ao contrário, uma lutadora, um ser dotado de grande vitalidade. Havia algo da força do mar por trás da silhueta ágil e esguia, que não recuava diante dos obstáculos que la encontrando pela frente.

Exuberante na forma de expressar sua sensibilidade para extrair o que a vida tem de melhor para oferecer, irradiava uma alegria tão profunda quanto espontânea. Capaz de valorizar cada momento que vivia, não era uma contemplativa, mera espectadora de cenas que se desenrolavam sob seus olhos como se não lhe dissessem respeito. A recusa à passividade e o engajamento permanente faziam-na estar sempre em ação.

Assim era Leila, capaz de assumir com desassombro os riscos de uma crítica sem contemporações meramente auto-defensivas, sem ceder à tentação das concessões que tendem a escamotear a realidade, calando divergências, para fugir ao confronto. Assim eu a vejo em sua candura, mas também em sua dignidade, recusando acomodar-se por simples oportunismo, assumindo, sem frases feitas e sem poses estudadas, o seu lado combativo, que representava o compromisso de alguém que inequivocamente estava à frente de seu tempo. Daí o seu pioneirismo, sua postura de vanguarda, que despertava a incompreensão dos conservadores e mesmo a ira dos ressentidos, mas certamente a simpatia dos demais. De seu lado estavam todos aqueles que, aceitando a mudança como um dado natural, não encaravam o novo como uma manifestação demoníaca das forças do mal, na suposição de que o bem residiria necessariamente na preservação dos valores estabelecidos. Em Leila havia a intrepidez do mar, abrindo fendas, forçando passagens e quebrando resistências.

Assim era Leila, capaz de ser irreverente, porém sem amargura, sem insolência e sem rancor e que, na sua irreverência, rompia com o convencionalismo, sem mergulhar na oposição arbitrária e indiscriminada, própria daqueles que se opõem porque nada têm a oferecer e nada têm a dar, senão o seu desencanto, a sua desesperança ou o seu ressentimento. Na verdade, Leila encarnava a antidescrença. Possuidora além disso de um extraordinário senso de humor, percebia instantaneamente o lado engraçado das coisas e até mesmo o seu lado cômico. Eis porque conviver com ela tornava-se extremamente agradável. Tinha sempre uma brincadeira a fazer, uma frase espirituosa que desarmava os temperamentos mais irascíveis. Daí provavelmente a sua facilidade em adaptar-se a vários tipos de ambientes e situações. Temperamento vivo e lúdico, inteligência rápida, tinha sempre a resposta pronta.

Criança ainda, desenvolveu uma grande capacidade de despertar simpatia e sentimentos favoráveis. Adolescente, foi uma aluna muito irrequieten e pouco disciplinada. Vivia contando piadas e provocando o riso dos colegas.

Entretanto, por mais agitada que fosse, nenhum professor, inspetor ou diretor era capaz de dedicar-lhe antipatia. Por mais distúrbio que causasse, sempre foi muito querida. Seu lado brincalhão e zombeteiro, temperado pela ausência de arrogância e prepotência, tornava-a basicamente atraente, a despeito de suas ousadias.

Efetivamente, Lella nunca foi uma criança disciplinada ou uma adolescente bem comportada e, por toda sua breve e esuziante vida, jamais o foi. Sempre soube, porém, definir o espaço de sua liberdade, mantendo, paralelamente, o respeito pela identidade do outro. Nela, o amor pela liberdade conjugava-se com uma clara consciência de seus limites.

Em Lella havia a exuberância do mar. A capacidade de tudo viver com intensidade revelava-se no plano pessoal, como no mundo do trabalho. Desde os fatos mais rotineiros, até as situações incomuns criadas pelo seu inconformismo, desde os personagens inverossímeis das novelas de Glória Magadan, até os papéis que se confundiam com sua própria biografia, como no filme *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira, desde as figuras herméticas do cinema engajado, como a desconcertante personagem que viveu em *Fome de Amor*, de Nelson Pereira dos Santos, até o gênero da comédia irreverente do teatro de revista, tudo era interpretado com o mesmo vigor e, sobretudo, com a mesma segurança. Tratava-se de um momento de realização profissional, mas era também uma forma de auto-expressão, que lhe proporcionava, antes de tudo, prazer. Extrair prazer do dia-a-dia e não sentir a compulsão de escondê-lo, como os que são impelidos pela necessidade de expiar uma culpa imaginária.

E Lella sentia prazer em exercitar a sua liberdade. O apego à sua própria independência, o amor pela sua autonomia, traço permanente de seu modo de ser, eram a expressão de uma utopia, a crença na possibilidade de se construir uma sociedade mais igualitária e, portanto, mais livre. Aí a influência de meu pai se fez sentir. Personalidade complexa, aliava a um duro senso de realidade - que o levava a destruir nos filhos fantasias ingênuas como a crença infantil na figura do Papai Noel - uma forte identificação com um mundo ideal. Animava-o a utopia de um sistema social mais justo e menos opressivo, onde os homens pudessem realizar as suas potencialidades, onde pudessem, enfim, ser livres. E essa mensagem ele a passou para cada um de nós. E em cada um de nós ela adquiriu uma feição particular reinterpretada e vivenciada de uma dada maneira. Lella viveu esse amor pela liberdade de forma particularmente intensa. E defendeu o direito de ser livre, não pela retórica, mas pelo exercício desse direito ao longo de toda a sua existência. A liberdade de expressão, mais do que um valor, era parte intrínseca do seu ser.

A busca da liberdade, a afirmação de um princípio vital que se tornava ainda mais premente em contraste com o momento que o país vivia, marcado pela opressão e pelo obscurantismo. A luta pela liberdade, que a ditadura tentava esmagar, a luta contra a censura, inimiga da criação.

Em contraposição ao clima repressivo, a praia era um espaço de liberdade. Território neutro, infenso à rigidez dos quartéis, avesso à obsessão

pela disciplina e pela hierarquia que dominava o país. Espaço aberto, clima descontraído, a conversa frouxa, a luminosidade tropical, o calor relaxante, o riso solto, a brisa suave cheirando a maresia formam um todo harmoniosamente integrado, onde não há lugar para a intransigência raivosa dos regimes policialescos. Ao contrário, fica no ar um forte apelo à tolerância e à solidariedade. Velas brancas ao vento, o voo suave das gaivotas, a beleza e o vigor dos corpos jovens deslizando sobre as ondas sugerem paz e esperança.

Nas belas manhãs de sol, Leila buscava o mar. E se unia a todos numa comunhão de sensações, numa troca de energias e de emoções positivas.

Território livre, onde a censura diluía-se e a imaginação liberava-se, rompendo as barreiras do sem-número de interdições que sufocavam a espontaneidade e tolhiam o espírito criativo. Nada era contido. Tudo podia ser dito à luz do dia sem subterfúgios e sem temor.

Perseguida pela censura, Leila nunca apregoeou princípios ou desfraldou bandeiras. Suas idéias, ela as vivia simplesmente. Seus valores traduziam-se em ações concretas, manifestando-se no seu cotidiano, através de atitudes espontâneas, expressão de suas convicções, antes que do desejo de agradar ou de impressionar. Tinha coragem para ousar sem perder a naturalidade. Nisso residia o seu carisma - na capacidade de convencer por despertar sentimentos de identificação. Seus gestos, suas ações davam vazão a mil desejos reprimidos por uma geração de jovens cheios de idéias revolucionárias no plano da política, mas basicamente conservadores na vida pessoal.

Assim, Leila antecipou-se ao movimento feminista no Brasil dos anos 60, levando à prática uma ousada proposta de emancipação da mulher. Expressou uma nova concepção dos vários papéis femininos, assumindo uma postura inovadora em relação ao amor, à maternidade e à gravidez. Desmistificou a imagem da mulher submissa e dependente. Rompeu com a idéia da maternidade enquanto sacrifício e renúncia. Grávida de Janaína, ostentou orgulhosamente sua barriga, exibindo sua felicidade expressa, entre outras coisas, nas transformações do seu próprio corpo.

Como profissional, impôs o seu estilo, que consistia, basicamente, numa grande versatilidade e num permanente desapego às fórmulas tradicionais. Assim, por exemplo, recuperou o teatro de revista para os palcos refinados da zona sul do Rio, renovando e legitimando esse tipo de espetáculo, contribuindo para desfazer um estigma que o aprisionava a um formato primário e pouco elaborado. Estava sempre experimentando novas formas de expressão em busca de uma comunicação mais direta e profunda com o público. Foi rainha da Banda de Ipanema, consagrando-se como musa deste que foi o bairro de Vinícius de Moraes e de Tom Jobim, que se tornaria símbolo de vanguarda, de alegria e de criatividade. E a banda passava pela rua da praia, arrebanhando os banhistas que se juntavam ao desfile.

E Leila nasceu perto do mar e sempre viveu perto do mar. Alma de cigana, nunca parava muito tempo no mesmo lugar, mudando-se constantemente de casa. De sua janela era, porém, sempre possível avistar-se o mar. A rainha do mar inspirou o nome de sua filha, a bela Janaína, batizada nas águas do mar.



Assim era Lella. Controvertida, polêmica, inovadora, esfuziante. Basicamente alguém que soube viver, que soube amar, que soube construir e que, por isso mesmo, deixou a sua marca. Enfim uma pessoa muito especial, que não se despediu, porque soube permanecer.

O festival na Austrália. A viagem sem volta. A explosão violenta. Escombros, cinzas, escombros. O desaparecimento súbito e precoce. Cinzas, escombros, cinzas. E Lella reunia a grandeza e a beleza de todos os mares do mundo. E eis que, ao desmaterializar-se, retorna às suas origens e se reintegra às águas do mar. E no balanço das ondas, a espuma do mar nos traz de volta a musicalidade de sua voz e seu sorriso luminoso.